

ORIENTAÇÃO SEXUAL: DIÁLOGOS E REFLEXÕES NO AMBIENTE ESCOLAR

BARBOSA, Isabel Thayse¹; BORGES, João Henrique Batista², FIRMINO, Simone Gomes³; SOUZA, Daise Fernanda Santos⁴

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Ceres
E-mail do autor: belthayse@outlook.com

Resumo:

Este trabalho visa analisar os dados obtidos por meio de questionário aplicado após intervenção de cunho lúdico e informativo, durante a disciplina de Oficina de Práticas Pedagógicas II, Tópicos em Educação Sexual. A temática orientação sexual foi abordada por meio da realização do jogo didático “Quem sou eu?” associado a uma roda de conversa com o objetivo de esclarecer dúvidas, bem como, discutir a respeito do tema e assuntos relacionados. O público alvo abrangeu estudantes dos cursos Técnico em Agropecuária e Técnico em Informática, ambos integrados ao Ensino Médio ofertados pelo Instituto Federal Goiano – campus Ceres. Os dados indicaram que os alunos obtêm informações sobre esse assunto na escola e que a maioria dos participantes já presenciaram atos de violências com base na orientação sexual.

Palavras-chave: Orientação sexual. Jogo didático. Roda de Conversa. Ensino Médio.

1. Introdução

O termo orientação sexual é recente, conforme aponta Silva e Freitas (2016). Foi criado no intuito de transpor um valor distinto ao do anterior “direcionamento sexual”, e com isso também modificar o impacto e a compreensão de movimentos político-sociais voltados para o tema. Há uma grande confusão sobre o real significado da orientação sexual, principalmente devido a sua abrangência que, embora se enraíze em pilares simples, inclui muitas subdivisões.

Visando trabalhar a orientação sexual em seus múltiplos aspectos no ambiente escolar foi desenvolvida uma intervenção associando o jogo didático “Quem sou eu?” a uma roda de conversa, para depois aplicar um questionário sobre o assunto. Afinal, a abordagem de temas referentes à sexualidade ainda é um tabu nas escolas. Assim, onde discussões esclarecedoras deveriam acontecer, pouco se fala do assunto. Fato que é prejudicial pois, a desinformação acarreta sérios problemas sociais, tais como, gravidez precoce, transmissão de DST's, preconceito e violência relacionados ao gênero e orientação sexual (ALTMANN, 2003).

Frente a essa realidade, esse trabalho teve como objetivo levar para as salas de aula do Ensino Médio a orientação sexual de maneira lúdica. Dessa forma, buscou-se trabalhar com os estudantes conceitos incompreendidos, refletir a respeito dos conhecimentos relacionados à orientação sexual que os alunos haviam elaborado durante suas vivências anteriores à intervenção, bem como, esclarecer dúvidas relacionadas ao assunto.

2. Metodologia

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa-ação de cunho descritivo, com abordagens quantitativa e qualitativa em que os dados foram obtidos por meio da aplicação de questionário. A execução ocorreu no IF Goiano Ceres e o público alvo foram alunos matriculados no primeiro ano do curso Técnico em Agropecuária e os estudantes do terceiro ano do curso Técnico em Informática, ambos integrados ao Ensino Médio.

A intervenção foi desenvolvida e realizada por alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do IF Goiano – campus Ceres, sob orientação da docente da disciplina Oficinas de Práticas Pedagógicas II, no primeiro semestre letivo de 2017. Sendo a proposta caracterizada por três ações: realização do jogo “Quem sou eu?”, roda de conversa e aplicação de questionário. Totalizando uma carga horária de 50 minutos especificamente para a intervenção em sala de aula.

O jogo “Quem sou eu?” foi formado por seis pares de cartas, em que uma havia a ilustração de uma orientação sexual e em outra o nome da respectiva representação. As imagens eram constituídas de figuras pictográficas masculinas e femininas associadas a balões de pensamento e corações para indicar a existência de atração entre os sujeitos representados. Já as cartas com os vocábulos foram compostas por dois termos, um manifestava o gênero, feminino ou masculino, enquanto o outro indicava as orientações sexuais. Assim, as cartas nominais foram formadas pelos termos mulher heterossexual, homem heterossexual, mulher homossexual, homem homossexual, mulher bissexual e homem bissexual.

Para a execução do jogo “Quem sou eu?”, os estudantes foram distribuídos em seis grupos e receberam aleatoriamente duas cartas, uma contendo o desenho e em outra um termo. Ao receberem as cartas deveriam, em grupo, discutir o que representava a imagem e qual o significado do nome da carta. Posteriormente, iniciou-se a busca pela “carta par” que estava em outro grupo. Assim que o par era formado os grupos discutiam os termos e nesse

momento eram apoiados e influenciados a indagar sobre significados, motivações e quaisquer outros tipos de dúvidas que surgissem.

Depois que os seis pares foram formados dispôs-se as carteiras em círculos e uma roda de conversa iniciou-se. Nesse momento, um diálogo foi estabelecido para esclarecer as dúvidas que surgiram durante a execução do jogo, refletir os pontos de vista dos alunos tocantes ao tema, como também, para elucidar a importância da sexualidade na vida dos sujeitos. À medida que o debate se estendeu, por meio da conversa fluente entre alunos e grupo realizador, o tema respeito às diversidades foi abordado e para isso, estatísticas de morte e violência foram citadas e discutidas com intuito de alertar os maléficis impactos que a intolerância pode provocar.

Finalizada a roda de conversa, os alunos dispuseram suas cadeiras em filas e então um questionário com questões assertivas e dissertativas foi entregue. Desse modo, por meio da ferramenta buscou-se verificar a compreensão dos alunos acerca do que foi abordado. Sendo que, os dados obtidos foram tabulados, e esses serão discutidos no presente trabalho.

3. Desenvolvimento e resultados

3.1 Perfil do público alvo

Os estudantes que participaram da intervenção totalizaram 59 alunos com média de idade de 15,44 anos. Desse total, 62,72% dos participantes eram do sexo masculino e 37,28% do sexo feminino. Quanto aos cursos integrados ao Ensino Médio, 54,74% dos alunos cursavam Técnico em Informática e 45,26% o Técnico em Agropecuária.

3.2 A escola e sua função (in)formativa

Observou-se na coleta de dados que a Escola foi apontada, com frequência de 94,91%, como a principal instituição/fonte onde os estudantes obtiveram explicações e conceituações sobre a definição do termo orientação sexual. Em seguida, 11,86%, dos alunos indicaram que em casa obtiveram explicações sobre o que é orientação sexual. Enquanto 3,38% apontaram que a internet é uma fonte de informação. Outros, 1,69%, disseram que foram informados por outras mídias, como televisão, rádio, jornal e revistas. Embora as outras fontes possam estar atreladas aos conhecimentos expostos na Escola, nota-se que esta exerce uma grande influência na construção e na formação dos saberes dos discentes.

Segundo Altmann (2003, p. 283), “a escola tem sido apontada como um importante espaço de intervenção sobre a sexualidade adolescente que, nos últimos anos, adquiriu uma

dimensão de problema social". Afinal, é principalmente, na escola que as primeiras percepções sexuais se afloram. O desenvolvimento pessoal, advindo naturalmente com o crescimento corporal e psicológico, as múltiplas relações estabelecidas pelo convívio social, e as novas percepções, acerca do mundo e suas abrangências, fazem desse ambiente um local de descobrimento e dúvidas. Contudo, há uma tendência guiada pelo receio de afronta e falta de preparo profissional do docente para articular momentos que, com alto teor pedagógico, acabam por serem interrompidos e ainda causar constrangimentos (ASSIS; GOMES; PIRES, 2014).

3.3 Apropriação do termo orientação sexual e nomenclaturas relacionadas

A maioria dos estudantes demonstraram ter assimilado o significado de orientação sexual, bem como, as expressões que se relacionam a este. Sendo que, os acertos relacionados aos nomes referentes à orientação sexual foram de 87,56%. Enquanto os erros cometidos evidenciaram que há confusão entre os termos que designam identidade sexual e orientação sexual. Além disso, observou-se nas respostas que na definição do tema trabalhado com os discentes houve demonstração explícita de preconceitos.

A orientação sexual, ao contrário do que é promovido, não descreve a forma com a qual o homem ou a mulher se vê e se define como indivíduo, estando esse conceito relacionado à identidade sexual. Não sendo, portanto, a orientação sexual necessariamente uma caracterização exterior mas, uma condição particular e individual, embora plausível de omissão graças à imposição estereotipada da comunidade a qual o sujeito pertence (ALTMANN, 2001).

Ademais, Sousa Filho (2007), explica que um homem pode se identificar com seu corpo biológico e, ainda assim sentir-se atraído por outro homem. Da mesma forma, uma mulher lésbica pode se reconhecer e apresentar como uma figura feminina que se relaciona com outras. Convicções como “o gay é afeminado” ou “bissexuais são indecisos” não passam de construções ideológicas que foram promovidas no meio social e que, ao não serem desconstruídas, influenciam ainda mais práticas que denigrem e ferem o sujeito.

3.4 Violência com base na orientação sexual

79,66% dos estudantes relataram ter presenciado atos de violência ou discriminação ligados à orientação sexual. Foi apontado no questionário que o tipo de violência mais observada foi a verbal, 97,87%, seguida da física 42,55% e por último a psicológica, 40,42%.

Visto que, tais atos foram observados por 72, 34% dos participantes na internet, 36, 17% na televisão e/ou no rádio e, ainda 36,17% expuseram que os presenciaram ao vivo.

Os indivíduos sofrem com a exclusão e a negação da comunidade a qual pertencem. O principal responsável pela discriminação, e logo, por suas formas de manifestação (físicas, verbais, cibernéticas, etc.) é a ignorância, isto é, a falta de informações sobre o assunto. Mott (2006), aponta que atentados promovidos contra homossexuais e bissexuais são fruto de ódio e consequências de iniciativas intolerantes que fortalecem e propagam ideais machistas, baseadas na ignorância, causando a desvalorização e a banalização do ser “não heterossexual”.

Os homossexuais, juntamente com os bissexuais, são drasticamente feridos quanto as possibilidades de atuação, em destaque no mercado de trabalho, e no decorrer de sua vida, tanto particular como social. Esse grupo não “heterossexualizado” sofre também repreensões próprias, o que pode levar à exclusão, causando depressividade, problemas com a autoestima, entre outras situações que podem levar até ao suicídio (MATTOS; FERREIRA; JABUR, 2008).

É evidenciado por Koehler (2013, p. 132-133) que, “a visibilidade dada ao tema da diversidade sexual ainda encontra resistência no meio universitário e é foco de piadas entre grupos, na mídia, nos programas televisivos [...]”. Visto isso, enquanto a sexualidade for mantida em uma situação de neutralidade, da qual por princípios, sejam quais forem, aleguem sua não problematização, está sendo provocada a perpetuação da segregação, da intolerância e da violência.

4. Considerações Finais

Os temas inerentes à sexualidade humana costumam ser trabalhados de maneira superficial e são corriqueiramente problematizados, não em essência, mas sim como um assunto proibido e intocável. Tal colocação envolve sérias consequências provindas da ignorância a respeito de orientações sexuais que estejam em desacordo com os padrões estabelecidos pela sociedade. Educados por seus próprios erros, visto que não há formação e direcionamento devidos, os jovens padecem em situações que podem ser resolvidas por meio de diálogos no ambiente escolar.

Devido à carência de projetos voltados à resolução de tal problemática percebe-se que há uma necessidade inegável de ações e intervenções que forneçam o máximo de apoio à causa. Diante disso, intervenções, como a deste trabalho, que estimulem discussões entre

os próprios estudantes com os educadores, neste caso os mediadores, são de extrema importância para a formação de seres humanos que respeitem e busquem compreender a diversidade sexual. Aliás, ao conhecer as faces dessa, os sujeitos entendem mais de si, afinal sexualidade é intrínseca à condição humana.

A abordagem de tal tema tem potencialidade de ser mais profunda. Caso outras mediações fossem realizadas, visto que o período foi breve, poder-se-ia problematizar coletivamente as informações obtidas com o questionário, pois os estudantes teriam um cabedal de assuntos para serem discutidos. Mas, no geral, os mecanismos aplicados nesta intervenção viabilizaram a interação dos alunos entre si, estimulando uma análise pessoal, e até mesmo a rememoração de pensamentos e experiências dos estudantes. Nesse contexto, os dados obtidos no questionário refletiram o intenso diálogo que se estabeleceu em sala de aula.

5. Referências

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. Rev. Estudos Feministas. [online], v. 9, n.2, p. 575 - 585, 2001.

ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. Cad Pagu. [online], v. s, n. 21, p. 281 - 315, 2003

ASSIS, S. G. de.; GOMES, R.; PIRES, T. de O. Adolescência, comportamento sexual e fatores de risco à saúde. Rev. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 43-51, 2014.

KOEHLER, S. M. F. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social, Interações, São Paulo, v. 26, nO, p. 129 - 151, 2013.

MATTOS, A. H. de.; FERREIRA, A.; JABUR, S. S. O papel do educador na construção de uma sexualidade. In: Congresso Nacional de Educação, 5., 2008, Curitiba. Anais... Curitiba: PUCR, 2008, p. 4643 - 4656.

MOTT, L. Homo-afetividade e direitos humanos. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 509 - 251, 2006.

SILVA, C. G. da; FREITAS, M. J. Orientação sexual, identidades sexuais e identidade de gênero. São Paulo: UNIFESP, 2016.

SOUSA FILHO, A. de. A resposta gay. In: BARROS JÚNIOR, F. de O; LIMA, S. O. (Org.). Homossexualidade sem fronteiras: olhares. Rio de Janeiro: Booklink, 2007, p. 11-35.